

Intervenção da Secretária de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Professora Fernanda Rollo

Universidade-Cidade-Criatividade/Inovação

É com grande gosto e sobretudo com um enorme orgulho que estou presente no 43º aniversário da Universidade de Aveiro. A primeira palavra é, naturalmente, de agradecimento a uma instituição que tem sido decisiva no desenvolvimento do ensino, da ciência e da tecnologia em Portugal, e que se constitui, de facto, enquanto elemento de coesão social e territorial verdadeiramente impressionante, não só para a cidade, mas também para a região.

Saudar a instituição é agradecer às pessoas que a fazem diariamente: aos seus estudantes, docentes, investigadores, funcionários, colaboradores.

Senhor Reitor, é um privilégio celebrar esta data, mas é também uma grande responsabilidade. Uma responsabilidade que tem sido assumida com total empenho e dedicação pelas várias equipas reitorais, que deram corpo às aspirações e aos desafios de tantos...

Numa Europa e num Mundo em mudança, cada vez mais a enfrentar desafios que não lhe são exclusivos, que são sobretudo de carácter global e transnacional, e que exigem respostas de várias frentes, pensar a Universidade de Aveiro, os novos desafios da aprendizagem e da investigação, implica assumir um compromisso efectivo de relação e encontro entre a Universidade, a Cidade e a Criatividade/Inovação.

E é interessante perceber que, pelo histórico desta instituição – criada em 1973 num contexto muito particular da nossa história –, a Universidade de Aveiro tem, sobretudo nas últimas décadas, empreendido uma aposta clara na aproximação à sociedade.

Tenho para mim, e esta é uma das áreas com um protagonismo cada vez maior, até no plano internacional, que nunca devemos deixar de procurar responder à pergunta: para que servem as universidades?

Não existe naturalmente um modelo único e harmonizado de resposta, ainda que se venha a perceber uma transformação gradual do enquadramento institucional e curricular da academia no sentido da aproximação a um modelo do tipo “cívico”, caracterizado essencialmente pelo envolvimento com a sociedade e pela assumpção dos conceitos de cidadania científica, académica e cultural. Aquilo que designámos actualmente como responsabilidade social científica.

Sobrepõe-se assim as vertentes da formação, da investigação e do envolvimento social e esbatem-se as fronteiras – cada vez mais ténues – entre a academia e a sociedade, quer no plano físico, quer no plano teórico, simbólico e da produção científica.

Não nos cansamos de dizer que as instituições de ensino superior são redes estruturantes de intervenção na sociedade e que devem assumir-se enquanto âncoras institucionais e sociais nos contextos onde estão inseridas, assumindo ainda estes espaços enquanto laboratórios privilegiados para a produção colaborativa do conhecimento que produzem, mas também para ajudar a interpretar e a conhecer a cidade e os seus espaços.

Falamos, por isso, da indispensabilidade de termos instituições académicas e científicas cívica e culturalmente fortes e sustentáveis.

Creio que a Universidade de Aveiro é caminhado genuinamente nesse sentido. E se, porventura, houver momentos de distração, peço que não se esqueçam do que está consignado na Missão da Universidade, em particular o foco na criação do conhecimento, da expansão do acesso ao saber em benefício das pessoas e da sociedade, bem como a importância da construção de modelos de desenvolvimento regionais assentes na inovação e no conhecimento científico e tecnológico. E se olharmos com maior atenção para os documentos que norteiam a vida da universidade, deparemos-nos com uma clara preocupação com as práticas culturais e patrimoniais da instituição e das suas pessoas. Aliás,

é isso que vemos no plano de actividades quando se fala no reforço do papel da Universidade de Aveiro no plano do desenvolvimento e, sobretudo, na sua responsabilidade na valorização do património.

Esta é outras das relações saudáveis que importa cuidar e estimular. A relação entre ciência e cultura tem sido importante – e importa reconhecê-lo – para a regeneração desta cidade e dos seus territórios, visível desde logo ao nível do planeamento.

E porquê? Porque as instituições de ensino superior são espaços e agentes inestimáveis de cultura e por isso espaços de liberdade e de cidadania. São-no, por um lado, na perspectiva da sua herança cultural, do passado histórico que transportam, do património cultural que lhes está associado e sobre o qual crescem responsabilidades institucionais de natureza cultural e patrimonial (referir PCT e DRD). Mas também porque cresce uma maior responsabilidade das instituições no que toca à formação e oferta cultural aos seus estudantes, e uma maior consequência no plano da formação científica, da estrutura curricular, da oferta formativa e do desenvolvimento de actividades em contexto académico.

Sei que esta é uma das principais preocupações do Sr. Reitor, um dos grandes desígnios que a Universidade de Aveiro estabeleceu e que muito gostaria que constituísse um exemplo para todas as instituições do país.

Como o conseguiu ser em temas como o da mobilidade urbana (com o compromisso pela bicicleta, a aposta em infraestruturas de mobilidade, um verdadeiro campus bike-friendly), de uma maior consciencialização e respeito pelos espaços e pela biodiversidade. E com impactos extraordinários no plano da investigação (ex. Plataforma Tecnológica da Bicicleta e Mobilidade Suave)

Mas, falar da Universidade de Aveiro é sinónimo de criatividade e inovação. Quer pelo seu histórico na relação entre o tecido empresarial e a universidade (e não falo só da transferência de tecnologia), quer pela sua capacidade de incubação e desenvolvimento de ideias, startups e investigações que tem merecido um reconhecimento nacional e internacional a todos os níveis fantástico. São várias

os exemplos de startups: Veniam, da Susana Sargento e do João Barros, a Veniam, entre outras tantas.

É óbvio e natural associarmos o pioneirismo tecnológico em áreas como as das telecomunicações ou as actuais TICE, da internet das coisas, dos moldes, entre outras tantas, à acção da Universidade de Aveiro. Empresas como a PT / Altice são exemplos paradigmáticos da excelência desta forma de estar na ciência (ex. criação da SAPO em 1985).

Para nós, o trabalho levado a cabo pela Universidade de Aveiro neste domínio representa na perfeição o conceito de Born from Knowledge que estamos a associar às startups, empresas, projectos que só nascem porque há instituições capazes de formar pessoas, de investir na ciência, isto é, demonstrando que a capacidade de aprender, apreender e empreender estão alicerçadas na formação, na investigação e no conhecimento.

Mas não podemos falar em inovação sem conhecimento. Numa sociedade onde o conhecimento é central para o desenvolvimento e crescimento económico, a aposta na inovação deve ocorrer a par com a aposta na formação e consequentemente na qualificação dos recursos humanos e do investimento na ciência. Estas são duas pré-condições para caminharmos no sentido de uma economia e uma sociedade baseada no conhecimento, ou “conhecimento-intensiva”.

Mas para isso é necessário abertura e partilha, num paradigma que hoje conhecemos como Ciência Aberta. Hoje dificilmente podemos falar em inovação sem participação, sem envolvimento. Esta aparente simples constatação implica mudanças estruturais no modo como pensamos, criamos, e comunicamos conhecimento. Também na forma como o conhecimento é produzido e pode ser apropriado e utilizado.

A evolução do empreendedorismo de base científica e tecnológica tem reflectido uma aproximação aos desafios que se colocam no plano da investigação e das práticas de aprendizagem e, sobretudo dos dados abertos, num paradigma de inovação aberta.

Inovação aberta implica a ampliação do conceito de tecido produtivo nos processos de inovação, numa óptica de democratização e inclusão de agentes que eram tendencialmente colocados nas margens destes processos (investigadores, cidadãos, sociedade civil, governo, etc.).

É, por isso, como no contexto da ciência aberta, uma questão de abertura: abertura do processo de inovação, não só a pessoas, como também a novos desafios e novas ideias; e uma questão de translação e circulação de conhecimento.

Dá a indispensabilidade de cruzar contextos de produção de conhecimento e de reforçar e estimular a formação de recursos humanos.

Aqui, uma vez mais, a Universidade de Aveiro constitui um caso paradigmático de sucesso, um exemplo de boas práticas. Mas não parar, como dizia no início da minha intervenção sobre o aumento de responsabilidades que a maturidade destes 43 anos traz. Sabemos bem que há áreas que precisam ser repensadas e reforçadas, designadamente no plano da captação de financiamentos externos, como os do H2020, da criatividade na forma como se podem estabelecer novos modelos de colaboração com as empresas (o protocolo com a Bosch é um bom exemplo). Ou desafios no plano do alargamento da base social do ensino superior, nomeadamente tendo em consideração os dados preocupantes que começam a surgir ao nível do prosseguimento de estudos entre secundário profissional e superior na região de Aveiro, sem negligenciar a amplitude que este e outros problemas tem colocado ao país, criando barreiras visíveis e invisíveis para a democratização do ensino e da investigação.

Lisboa, 15 de dezembro de 2016